

Nota editorial

O Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas lança sua revista em clima de grande alegria e muita celebração. O projeto, acalentado ao longo de anos, materializa-se em momento especialmente propício, de efervescência produtiva e interação exemplar entre os corpos discente e docente.

Esse espírito pautou a própria escolha do título da publicação, realizada em concurso aberto a estudantes e professores. Conforme as palavras da doutoranda Flávia Vieira, que propôs *Diadorim*, a opção pelo nome da fascinante personagem é extremamente oportuna, à medida que configura (coincidência ou não) uma merecida homenagem ao cinquentenário do monumental *Grande sertão: veredas*.

Igualmente importante é o fato de Guimarães Rosa ter sido um dos ficcionistas que mais se empenhou em “unir língua e literatura”, o que constitui a essência do Programa de Pós-Graduação de Letras Vernáculas: a pesquisa em língua e literaturas de língua portuguesa no Brasil, na Europa e na África.

Uma das provas públicas da pertinência do batismo foi a grande afluência de ensaios (mais de 60!), oriundos de distintas partes do país e do exterior, para publicação já neste número. A internet ajudou a difundir a chamada de artigos, mas certamente o magnetismo da personagem rosiana contribuiu sobremaneira para a profusão de escritos que nos chegaram.

Tanto assim que os textos recebidos renderam uma edição bastante resolvida do ponto de vista editorial e uma preciosa reserva de originais para o futuro. Excelentes em conteúdo e forma, apresentam três outras importantes vantagens: distribuem-se de maneira equilibrada entre estudantes e professores, provêm de diferentes instituições e cobrem uma verdadeira constelação temática.

Dessa maneira, *Diadorim* nasce sob o signo da vastez e da abundância, em consonância com a vigorosa verve rosiana, que conseguiu alçar o sertão a sinônimo de mundo. Acrescente-se a isso o que Manuel Cavalcanti Proença chamou de “ampla utilização de virtualidades da nossa língua”, mediante a qual o árido cenário se revelou dotado de uma espécie de imenso lençol freático, do qual jorra continuamente um verbo vivo e cristalino.

Sobre esta edição

A fecunda colheita nos possibilitou abrir a seção destinada à Literatura Brasileira com um dossiê consagrado a Guimarães Rosa, que merece desde uma abordagem acurada de “Campo Geral” até a explicitação da emergência de um homem e um mundo novos em *Primeiras estórias*. Como não poderia deixar de ser, *Grande sertão: veredas* estimulou a produção ensaística: suscitou tanto uma delicada entrega parafrásica às diferentes travessias que o constituem quanto uma defesa de sua condição de obra-síntese da literatura brasileira do século XX.

No tocante à poesia nacional, as análises perfazem um todo diacronicamente coerente, desde o romantismo até a atualidade. Inicia-se com um panorama das poéticas de nossa modernidade, adensado pela focalização de Álvares de Azevedo, Alberto de Oliveira e Cruz e Sousa. Ainda de olho no século XIX, empreende-se uma leitura de “Romper d’alva”, de Castro Alves, em que a exuberância paisagística se mostra confrontada à pequenez histórica. Sobre o século XX, encontramos um exame da relação entre erotismo e lirismo na poesia drummondiana. O remate contemporâneo se dá nos pólos do erudito e do popular, por meio da tematização dos objetos-signo de Augusto de Campos e da persistência da oralidade em Patativa do Assaré.

Na seção dedicada à Literatura Portuguesa, os ensaios também logram largueza ao se posicionarem em extremos temporais. O primeiro lança luz sobre livros de linhagens medievais que permitem a percepção de diferentes nexos entre memória, história e narrativa. O final do século XX surge no enfoque de dois romances de José Saramago, em que se ressaltam o espaço urbano e a historicidade. Até o jovem século em que vivemos se faz presente, na forma de esquadrinamento lisonjeiro do livro *Ou o poema contínuo*, do poeta luso Herberto Helder.

Na seção reservada às Literaturas Africanas, o primeiro artigo enfatiza a importância da representação do subúrbio, na poesia e na

ficção moçambicanas, para a projeção da problemática identitária desde os tempos de colônia até os globalizados dias de hoje. Para fechar este número com a aproximação que convém a povos irmanados pelo idioma em seus diferentes usos, publica-se um estudo comparativo entre o escritor angolano Luandino Vieira e o ficcionista brasileiro João Antônio.

Dessa forma, nossa revista desponta multifacetada como a personagem que lhe dá nome, para enriquecimento dos estudos sobre o conjunto das literaturas de língua portuguesa. A auspiciosa estréia deixa entrever, além disso, um segundo número igualmente copioso e profundo sobre estudos lingüísticos, a ser lançado no próximo semestre.

Antes de finalizar, queremos agradecer aos que acreditaram neste projeto, especialmente os pesquisadores que se mobilizaram para enviar ensaios inéditos e os pareceristas, que, com competência e sensibilidade, nos ajudaram a fazer escolhas freqüentemente difíceis – e cujos nomes só mantemos incógnitos em nome da lisura e da qualidade da publicação.

Nosso muito obrigado igualmente à professora Eliete Silveira, de Língua Portuguesa, assim como aos alunos de graduação e pós-graduação que revisaram voluntariamente os textos.

Ao leitor, nossos votos de bom proveito, acompanhados do pedido para que nos escreva dizendo em que podemos melhorar.

Até breve.

Os organizadores